***PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO* - A LITERATURA INFANTIL ENQUANTO PARTE INTEGRANTE NA FORMAÇÃO DO INDIVIDUO**

Autora: Jacqueline Almeida Brandão Santos – UFMA

jacquelline\_allmeida@outlook.com

Coautor: Paulo Henrique Carvalho dos Santos – UFMA

pauloh.16@hotmail.com

Orientador: Edimilson Moreira Rodrigues – UFMA

em.rodrigues@ufma.br

  Eixo 2 – Gênero, Literatura e Filosofia

**RESUMO**

A literatura é a arte da palavra, que inspira, diverte, sensibiliza, instrui e ensina, que alarga os horizontes, fazendo seus adeptos fugirem da inércia e vislumbrarem o poder da palavra. Assim, pensando no papel social desempenhado pela literatura engajada e ancorado nos estudos de Compagnon (2009), Cosson (2009), Schollhammer (2007), pretendemos analisar personagens femininas, em especial a *menina* na literatura infantil, enquanto agente impulsionante para a construção de princípios e valores, que determinam certas condutas. “Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de obra que não seja também uma “reescritura” (EAGLETON, 2006, 19). Partindo da obra *Pretinho, meu boneco querido* de Maria Cristina Furtado (2008), a qual elenca à personagem uma função social. Deste modo, as contribuições que a literatura predispõe aos seus leitores são inúmeras, atuando de forma significativa no desenvolvimento moral dos futuros cidadãos. Esta análise não pretende ensinar, ou tampouco deleitar, mas refletir sobre valores sociais que coadunam com os literários, pois, como aduz Nelly “Mais do que valores estabelecidos, a literatura de hoje deve propor projetos de ação e estimular a consciência reflexiva e crítica de seus leitores, a fim de que eles encontrem a sua direção e tenham capacidade para encontrar um sentido para a vida” (COELHO, 1991, 237). Os livros de cunho infantil possibilita aos ouvintes e leitores iniciantes – crianças – o primeiro contato com a literatura, desencadeando momentos de deleite e prazer e até mesmo de lazer. Nesta fase da vida, as leituras desaguam no mundo da fantasia, da imaginação e das coisas sobrenaturais, que podem acontecer a qualquer momento. Conforme o Construtivismo, uma das teorias que fundamenta o desenvolvimento humano, afirma que é nesta idade, que o indivíduo começa a moldar sua personalidade, seu caráter, suas ideologias, seus princípios, partindo da assimilação do objeto - neste caso a obra literária - transformando assim, a si mesmo, a partir de uma interação entre o sujeito – criança - e o ambiente, ou seja, o mundo da literatura, no qual está inserido. Deste modo, a literatura desempenha um papel importantíssimo, atuando não só como um instrumento de diversão, mas, sobretudo, como um “guia de condutas” (COMPAGNON, 2009). Assim, pretende-se com este trabalho analisar personagens femininas, em especial a *menina* na literatura infantil, enquanto agente impulsionante para a construção de princípios e valores, que determinam certas condutas. A personagem *menina* atua assim, de forma significativa no desenvolvimento moral dos futuros cidadãos. Para isto, trabalharemos uma obra da literatura infantil, que tem por título *Pretinho, meu boneco querido* de Maria Cristina Furtado, e ilustrado por Ellen Pestili - escritora e ilustradora – que faz uso de tecidos, rendas, miçangas, lãs e linhas, resultando em uma verdadeira obra de arte. É importante destacar que na obra a figura do negro é percebida em primeira escala, dando relevo a ideia de respeito e igualdade, por intermédio da personagem – *menina* - que norteia toda história. O livro *Pretinho, meu boneco querido*, de Maria Cristina Furtado conta uma história cheia de fantasia e imaginação, na qual os bonecos – brinquedos – vão dando tessitura ao drama. “A paisagem afetiva é, em certo sentido ou de maneira figurada, um lugar da infância: certa casa, certo jardim insubstituíveis.” (HELD, 1980, 79), certos brinquedos que traduzem desejos, sonhos, compromissos do social alagados de comportamento ético, pela tessitura do estético. Nininha – *menina* muito bonita e negra - possui uma coleção de bonecos que ganham vida. Pretinho o boneco favorito: “Nininha e Pretinho tornaram-se grandes amigos! Sempre que pode, a menina está ao lado do boneco. Leva-o para andar de bicicleta, para brincar no pátio e só não o carrega para a escola porque sua mãe não permite.” (FURTADO, 2008), pois ela havia se identificado com ele, achando os muito semelhantes – cor da pele – foi isso que chamou sua atenção. No entanto, toda essa preferência da *menina* pelo boneco acabou provocando ciúmes nos outros brinquedos do quarto, que começaram a implicar e maltratar Pretinho – tirando brincadeiras de mau gosto e o discriminado pela cor de sua pele – tudo acontecia na ausência de Nininha. Por causa disso, ele vivia chorando escondido no armário. Um dia, os bonecos extrapolam os limites e tentaram mudar a cor de Pretinho, dando-lhe um banho de sabonete e tinta. Observamos que em alguns momentos da trama Pretinho acreditava que sua cor fosse o verdadeiro problema, que ele era de fato diferente dos outros brinquedos - por causa da sua cor – “os outros bonecos não gostam de mim porque sou negro” (FURTADO, 2008), chega até mesmo, a pedir para que a *menina* o pintasse de branco. Mas Nininha reage com seus dogmas e preceitos, não acreditando no que Pretinho conta-lhe acerca de seus amigos – brinquedos – e horrorizada exclama “você é negro como eu (...) Que horror! Maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se descriminação. Ainda há quem haja assim? Meus pais sempre disseram que descriminar uma pessoa é crime (...)” (FURTADO, 2008). Neste momento, a *menina* começa a desempenha seu papel social de intervenção, destacando seus sentimentos de repulsa, abominando as atitudes dos amiguinhos - bonecos. Deste modo, tais reflexões permitem dizer que “essa tendência vai se prolongar em muitas obras, com ligeiras diferenças, mas sempre insistindo no enfoque da vida cotidiana, familiar, onde os problemas de desajuste individual ou social serão resolvidos por um comportamento ético-racial ideal (COELHO, 1991, 191). Estas leituras nos fazem lembrar que: “A ideia do livro é bastante simples: na leitura da literatura, entre os significados (históricos, sociais, psicológicos) e a maneira de sua textualização, o leitor procura apreender relações e tende a construir pares, tais como literatura e história, literatura e sociedade, literatura e psicologia.” (BARBOSA, 1990, 11). Assim, observamos que esta obra literária desempenha um papel muito importante, ao instruir deleitando, e a *menina* é a personagem responsável pela solidificação deste advento, através da exposição de seus dogmas. Dialogando com Compagnon (2009), ele ressalta que: “Além do prazer de uma leitura agradável, poucos acontecimentos encontrar-se-á que não possam servir para instruir os bons costumes; e, a meu ver, esta é uma considerável prestação de serviços ao público, instruindo-o ao mesmo tempo em que o diverte.” (Compagnon, 2009, p. 39). Ou seja, Compagnon (2009) dar ênfase a ação social da literatura, a qual presta serviço, pois não só possibilita momentos de descontração como educa, instrui, forma, sensibiliza, toca e determina condutas. Tal atuação é vislumbrada com clarividência na obra *Pretinho, meu boneco querido*, principalmente pelas atitudes de Nininha. A *menina* continua seu discurso aconselhando Pretinho e a todos os leitores da obra, dizendo que, “(...) Eu não entendo... Meu pai me ensinou que nós, afrodescendentes, somos muito importantes, pois a cultura africana está dentro de cada brasileiro.” (FURTADO, 2008). Repare o papel do pai, que ensina a criança, a importância que o povo africano desempenhou para a formação da nação brasileira. Da mesma forma, os pais devem fazer para com seus filhos. A literatura está aqui, metaforicamente desenvolve o papel de Pai. Os pequenos leitores devem reconhecer essa importância – o ser diferente, então a *menina* continua a ponderar que essa cultura está por toda parte, “está presente na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças...” (FURTADO, 2008), concebendo assim, ênfase ainda maior, ao povo que tanto contribuiu para a composição do país, mas que não recebe as devidas honras. Há um trecho em que a Nininha começa a cantar... Realçando a importância das cores, no entanto faz questão de destacar, que é com a cor “preta” que se inicia o desenho. Observamos ainda, outros momentos que vislumbram o deleitar e o ensinar as crianças, promovidos pela *menina*, quando ela traz alguns brinquedos, também de cor negra – não só para alegrar Pretinho, mas para que contem a história de sofrimentos, lutas e vitórias de sua gente, apontando a importância que exerceram para a formação da noção brasileira, deixando o boneco Pretinho muito feliz. A obra é uma ótima escolha para desenvolver discursões acerca de temas como o preconceito racial e o próprio bullying de forma dinamizada, marcada por um papel moralista. Pensando em Pretinho, como muitos dos meninos de Vânia Resende em O Menino na Literatura (1988, 207) dizemos que, “Os meninos se esbarram em dificuldades, sofrem, mas investem mais, não desistem da aventura de continuar. A presença do adulto é importante, enquanto ele é mediador, mas a ação e a experimentação são do próprio sujeito, porque, na verdade, o impulso de saber, de sondar, de ir e aproximar-se do mundo ou interagir nele é intrínseco ao agente da ação, que é o caminhante”, o boneco Pretinho que desbrava um mundo de reflexões, impulsionando o leitor ao saber. Assim, a *menina* consegue ajudar não só a Pretinho, mas as crianças de uma forma geral, a refletirem acerca de situações como esta, ainda tão comum. Compagnon (2009) enfatiza, ao dizer que, a literatura instrui deleitando, ou seja, atribui-lhe o poder de educar moralmente, fundamentado na fala de Prévost, quando ele diz que é a experiência, ou o exemplo proporcionado pela literatura, através da *mimesis*, que guia, orienta e faz o homem – de forma geral - refletir seu comportamento, sendo muito mais atrativo aprender de forma espontânea, já que os preceitos da moral por si só são vagas e gerais, sendo muito mais difícil o indivíduo assimilá-los com as ações do dia a dia – ações essas postas pela literatura. “O poder da palavra ou da literatura se institui justamente por ser produtora de conhecimento (…) A literatura é um modo de conhecimento e de ação diferente da ciência à qual não pode nem poderá identificar, ela responde a necessidades sociais e individuais, além de ter uma função necessária, revolucionária na medida em que responde a necessidades específicas de conhecimento e de transformação do mundo.” (GONÇALVE FILHO, 2002, p.15). A *menina* conclui sua participação dando uma aula de “respeito” e “aceitação”, agora abarcando os ensinamentos da mãe, a qual defende e dar relevância as diferenças, pois é ela - as diferenças - que faz a vida ser legal. Cada um com suas diferenças se completam. Por fim, em diálogo com (COSSON, 2009) “a literatura ajuda a dizer o mundo”, a literatura humaniza e nos torna mais sensíveis, e ainda, nos faz pensar que “A verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, pois, plenamente vivida, é a literatura” pela sua função engajada, enquanto instrumento, que ao mesmo tempo em que ensina e deleita. Como considerações finais, percebemos que *Pretinho, meu boneco querido* é uma obra que possibilita um rio de pesquisas, que vão desde os aspectos sobre o preconceito, o bullying, a igualdade, a importância da diferença e o respeito multo. Aspectos esses que ajudam a educar as crianças de forma descontraída e imperceptível. A literatura neste caso possui um papel moralizante. O papel moralizante desta obra é marca particular de todas as obras desta autora – a carioca Maria Cristina Furtado, que além de ser escritora, é psicóloga, professora, contadora de histórias e teóloga, abordando deste modo, temas que sirvam de orientação das ações sociais e políticas de uma determinada sociedade. Ou seja, as marcas da autora transcendem as suas obras. Nossa análise aberta, ampla em suas vicissitudes, correspondeu ao bom senso teórico aproximando-a das obras literárias classificadas em seus elementos internos ou externos, como nos lembra Warren (1999). Mas cremos que é por aí que as análises e interpretações operam, num olhar entre literatura e sociedade. Ou seja, a análise deve preservar a diferença fora das grades duais da dicotomia para que apareça como qualidade diferencial de princípio organizador, em que aquilo que se estrutura modelarmente separa-se da complexidade social, para dizer que a literatura é parte indissociável do indivíduo que a interpreta, e que só assim, poderemos realmente participar da dinâmica da vida, no talento do escritor de transfigurar, em arte, uma experiência humana. Portanto, este foi o objetivo deste ensaio, inacabada por sua natureza, definindo que há pela sua singeleza e a porção do inacabado na constante busca por discursões acerca da função engajada da literatura que é sobreposta a personagem *menina,* e que mesmo sendo menina é capaz de ensinar multidões.

**Palavras chaves:** Literatura infantil, Menina, Literatura engajada, Sociedade.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo**: ensaios de crítica. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BRANCO, Lúcia Castello. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia e desenvolvimento humano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil-juevenil**. São paulo: Ática, 1991.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra que?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 1ª ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. São paulo: Ática, 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1990.

FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido**. Editora do Brasil, 2008.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. **Educação e literatura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. **Um século de literatura feminina**: o que nos diz a mulher? in SILVA LINO, Joselita Bezerra da. Múltiplas palavras: ensaios de literatura. João Pessoa: Ideia, 2004.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

MACEDO, Arnaldo & FAUSTINO, Oswaldo. **A cor do sucesso**: sete razões de orgulho para a Comunidade Negra. São Paulo: Editora Gente, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Ed. Cia da Letras, 1997.

MILLER, J. Hillis. **A ética da leitura** – ensaios 1979-1989. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

PISCITELLI, Adriana. **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira.** São Paulo: Perspectiva, 1988.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Além do Visível** - O Olhar da Literatura. – Rio de Janeiro: 7Leras, 2007.

SOARES, Lívia Maria Rosa. **Representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno**: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Teresina – Piauí – Brasil, 2015. disponível em https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/5114/pdf\_9Aacesso em: 14 do jul. de 2017.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Cia das Letras, 1999.